

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHIEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

ANNO I

ASSIGNATURA

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

Num. II

O TRABALHO



(Carta a Aurelio de Bittencourt)

Trabalho — o menos possível.

Caro senhor.

Hoje dia, em sua companhia, deixei escapar
uma frase que se lhe fez estranha e mereceu a
sua aprovação.

A deficiência de tempo não deu lugar a que
eu explicasse convenientemente, o que agora
me venha para fazel-o.

* * *

Não ha por ahi quem não tenha visto e ouvido,
dito ou fallado, estas e outras sentenças assim:
O trabalho nobilita o homem.

O trabalho é que faz a felicidade, força e
conservação dos povos.

O trabalho é o remedio dos nossos males, o
remedio dos nossos dissabores.

O trabalho é hygienico.

O trabalho é a fonte de todas as riquezas.

O trabalho é um divertimento.

O trabalho é o fim (*sic*) da humanidade.

E a força de tanto elogial-o chegarão todos a
desconhecer-se da sua necessidade e utilidade.

No entanto não ha nada mais falso e mais irri-
tante.

Mas a mim parece que sou eu o primeiro a
desconhecer a verdade sobre elle.

Então vejamos!:

Ora, o trabalho não nobilita o homem!

Como não? vejo a interrogarem-me de todos os

lados os meus queridos leitores, a maioria dos
quaes ter-lhe-ha a maior ogerisa.

Não nobilita porque ainda não se vio alguem
honrar-se ou ser honrado por elle.

Chamai um jornaleiro ou um artista que se
diga trabalhador, fazei-lhe sentir qual a sua con-
dição, dizei-lhe que nasceu para o trabalho,
que elle é o unico meio de sua subsistencia, que
não ha como fugir-lhe sem ver-se a braços com
as maiores difficuldades, estabelecei a differença
entre elle e o visinho que trabalha muito menos
e mais suavemente que elle, e vereis se vos ou-
virá com orgulho e julgar-se-ha honrado com
isso.

O trabalho não pode de maneira alguma ser
considerado felicidade.

Nós vivemos d'elle, é verdade, com elle satis-
fazemos nossas necessidades e alcançamos muitas
vezes certo grao de bem estar; mas aqui justa-
mente é que está a infelicidade.

Poris obtermos uma cousa á custa de innume-
ros sacrificios é felicidade?

Não, de certo; é apenas o avaro premio de
nossos esforços.

Muitos dizem que o trabalho espairose as
magoas, que é saudavel, dá força aos musculos,
ajuda a digestão...

Qual!

Se padecemos, o trabalho que é uma contra-
riedade sobreexcita os nervos, mortifica o espiri-
to, agita-nos dolorosamente o ser, e soffre-se
moral e phisicamente, ou duas vezes moralmente
se o padecimento é somente moral.

Não é hygienico:

Um pobre homem trabalhando transpira,
apanha uma pneumonia; come a abarrotar por-
que de outro modo não resistiria, e ahi vem uma
congestão concluir os seus dias.

O trabalho raras vezes dá riqueza, e nunca pode ser distractivo.

Vêdes aquelle escultor, assoviando qualquer cousa, a martellar no sinzel sobre uma estatueta? vêdes aquelle pintor dar com extrema attenção os ultimos retoques naquelle quadro quasi acabado? vêdes aquelle typographo a manusear com agilidade o componedor e os typos?

Vêdes tudo isto, e julgais que estão divertindo-se, não é assim?

Todos perguntai-lhes, e convencer-vos-heis que o trabalho a ninguém diverte.

O trabalho é o *fin* da humanidade!

Engano, engano!

Nós não nascemos para o trabalho, como é sabido; elle é que nasceu para nós, para nosso castigo.

Ora, o que é castigo não pode ser felicidade, isto é logico, mais que logico.

Deus, porém, que é bondoso, ao lado do mal poz o remedio, dando-nos a liberdade de proceder; nós é que nos castigamos por nossas proprias mãos procurando o trabalho.

O trabalho é filho da ambição.

Sem ella satisfariamo-nos com a sorte, e a vida seria facil.

Mas não, ha este desejo innato na humanidade de sobrepujar a humanidade, no individuo de se elevar sobre o seu semelhante.

E d'ahi esta luta constante do espirito com o espirito, da materia com a materia.

Nós sentimos em nós mesmos a repugnancia pelo trabalho; o combate trava-se palpavel entre a indolencia natural e a necessidade de procurarmos meios de subsistir, e se muito trabalhamos, se a segunda parece subjugar a primeira, é que a esperança de um proximo ou remoto descanso empresta-lhe forças extraordinarias; mas esse nunca chega porque ahi está a ambição a protelar-lhe indefinitamente a occasião.

Está entendido que fallo do trabalho genericamente.

O jornaleiro, o operario trabalha, obrigado pela lei fatal da conservação para salvar do aniquilamento a materia, e tem contra si a mesma materia que quer a indolencia, a quietude animal.

O artista, o escriptor trabalha, luta, para que as idéas que lhe germina a mente não se confundão no cahos em que elaborarão-se, contra o proprio espirito que procura a immobilidade improficua.

Todos elles, porém, são arrastados pela ção de pretendida superioridade, ou de s voluptuosidade a esse lutar sem tregos a morte vem legar em nós mesmos a outros pela transmigração da vida, a luta pela vação.

Mas o movel de toda essa luta é a nega espirito e da materia para o trabalho.

O trabalho é contra a natureza do ho o proprio trabalho encarrega-se de proval

Desde as mais remotas eras, desde qu mem teve necessidade de trabalhar, pro pelo mesmo trabalho senão eximir-se d menos diminuil-o.

E para isso deu-se logo ao trabalho de car armas com que obrigasse o mais fra mais inhabil a trabalhar para ambos (Ab primeira victima); edificou cidades e fortifi para que os do campo trabalhassem para

Mais tarde, quando isto não era suffic as guerras não davão resultado vantajoso, leras sulcarão os mares e vierão á America riquezas e á Africa arrancar escravos para as do solo.

Depois foi augmentando o trabalho qu necessario para aproveitar-se o trabalho a e elle moirejou ainda mais e inventou o va telegrapho, a polvora, as machinas, o aer tico, etc.

E então? o que levava o homem a tan balho, senão o desejo de ver se livre delle?

O que significa esse eterno labutar, se esperança de encontrar uma era de perenn cidade, que só é possivel com a completa a cia do trabalho?

Mas não pára ahi:

Conhecendo o nenhum resultado de sua cobertas debaixo deste ponto de vista, para pensou, lutou, trabalhou e lembrou-se do continuo! o motu-contínuo essa suprema u do cerebro enorme de uma geração extrema preguiçosa, o motu-contínuo que viria pôr ao seu lidar; e o seculo XIX, o seculo das vê todos os seus obreiros, quaes alchimist idade média á procura da pedra philosoc empenhados a trabalhar para acabar o tra commum!

Ha por ahi uns homens, que a sociedade justa e cruel, cobre de baldões e ridiculo, e no entretanto são os verdadeiros apostolo nova e sã doutrina.

Vós os conheceis, sem duvida; os seu

sem oleo entregues ao capricho da brisa,
seus casacos cossados, os seus chapéos sem
fio, as suas botas gastas, os seus trajas em des-
ordem, fazem-os bem conhecidos.

Se algum delles passa ahi por essas ruas, os
passantes dizem mentalmente: — é um vaga-
bundo; nas casas onde tem assento á mesa cha-
mamos — parasitas, e os escriptores e poetas
denominão-os bohemios; porém elles têm uma
qualidade que esmagão os imbecis que os ridicula-
m: o riso:

— Mas não trabalho !...

* * *

Eu vejo, pois, caro amigo, que não me podem
adornar por odiar o trabalho, quando o de-
feito ha, é da humanidade.

J. PAULINO DE AZURENHA.

Porto Alegre — 1881.

DE TARDE

— o —

Á A. CANDAL

—»::«—

I

Que par mimoso occulta o jasmineiro em flor ! ?
Que lúpias innocentes ! Que melodia suave !
Que melodia canção dos labios de Julieta,
Ou um gorgeio d'ave.

Eu te, bella Rosita ? És tu, meu bom Lourenço ?
No tempo que dizeis : — Adeus, meu doce bem !
E o echo, muito ao longe,
Respondendo na quebrada: Adeus, adeus ! tambem,

Eu já s'escondeu, ha muito no poente,
Entre as nuvens do céu;
A estrela do pastor — a vespertina estrella,
Iluminando o espaço, o puro azul rompeu.

E' tarde ! E' tarde ja !
O solpe a lua cheia as brumas do oriente :
A estrela gentil que rola sobre um leito
Brilhante, immenso, de aromas rescendente.

II

Adeus, Lourenço, adeus ! — Adeus, meu terno amor !
E o echo repellio ao longe: — Adeus ! Adeus !
Uma lagrima, então, brilhou nos olhos della
Uma estrela que luz na escuridão dos céus !...

TIMOTHEO DE FARIA.

Porto Alegre — 1881.

QUE SUSTO!...



For entre as aguas,
Por sobre a areia,
Lucianinha
Que se arreceia

Da leve roupa
Ter de molhar,
Roçaga a saia...
Põe-se a passear.

A areia fina
Vê-se atravez
Das limpas aguas;
Uma, outra vez

Dos pés rosados
Breve signal
Impresso fica
No areial.

Dos dedos finos
Inda a corrente
Deixa entrever-se
A unha rente.

Lucianinha
Vai por lugar
A que a altura
Tende a augmentar.

O nivel sobe
Do tornozelo :
Pelo vestido
Redobra o zelo.

E quanto a agua
Mais sobe, e desce
O pé, que não
Mais apparece,

Sobe o vestido
Que colhe a mão .
Se fôra minha
Aquella acção !...

Os fios d'ouro
Curtos, lustrosos,
Que a fina pelle
Cobrem mimosos.

Erectos ficão
Da agua á flor.
E os membros sentem
Leve tremor.

Não pára, augmenta
A ascensão,
Ja passa as raias
Da convenção

Qu'entre as donzellas
Marca o pudor,
Que só desfaz
Extremo amor.

Lucianinha
Então voltar
Resolve; e volve
Para alcançar

A beira rasa
D'onde partio :
Segue o caminho
Que ja seguio.

Mas, abstracta,
A saia olvida,
Presa entre os dedos
Assim retida.

A' beira chega
Sempre a scismar,
Da areia os olhos
Sem levantar.

Mas ja no termo
Um grito solta
Co'as mãos no rosto
As costas volta.

Houve um remorso
P'ra quem, profano,
Na vista achara
Goso mundano.

Porto Alegre - 1881.

A C

O FRUCTO PROHIBIDO



Era uma loucura !

Aquelle amor, em cada instante que durava, levava-me um pedaço do coração, e quanto menos coração me restava, tanto mais amor eu sentia devorar-me.

E como esse amor alimentava-se do coração, tanto menos coração me ficava, quanto mais o amor crescia.

Quasi fiquei sem coração !

E com elle quasi foi-se-me todo o juizo ! Era uma loucura !

Obtel-a a todo custo; ser o dono exclusivo della; o unico que desprendesse aquelles cabellos: tocasse aquelle collo enternecido pela febre do desejo casto e puro de virgem, colher o primeiro beijo dos labios purpurinos, trmuelos de emoção; oh ! a tudo isso eu aspirava mais do que a todas as glorias do mundo.

E entretanto nunca lhe fallara; nunca obtivera della um sorriso !

E um meio — um só ! — não se deparava á minha imaginação para depor-lhe aos pés todo o volcão que me incendiava, e obter, depois de rogos e supplicas — muitos rogos e ardentes supplicas! — o sim muitas e muitas vezes negado.

Oh ! como eu seria feliz depois de vencer a resistencia grandiosa que me oppuzesse a timidez della !

O seu amor, no fim dessa luta do coração e do pudor, era o objecto dos meus devaneios, a causa da minha loucura.

Vencel-a, vencel-a !

„ Amo-te — como se ama aos vinte annos : loucamente, e este amor, oh ! este amor...“

Como o junco, não esperou o furor da tempestade; curvou-se á primeira rajada.

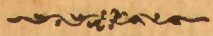
Um beijo — oh ! um beijo ! pousou-me nos labios e .. apagou-lhes o fogo.

Nem cinza delle ficou.

ois se eu queria lutar...

A. C.

Porto Alegre — 1881.



Era pobre... ainda bem !



— Elisa, se eu fôra rico
Tão rico,
Que por essa linda mão,
Tão linda,
Te desse riqueza infinda,
Que me dirias então ?
— Que não.

— E se fosse um grande, um nobre
Tão nobre,
Que por essa linda mão,
Tão linda,
Te desse nobreza infinda,
Que me dirias então ?
— Que não.

— E se em vez de lyra, espada,
Fallada,
Eu trouxesse, e por tua mão
Tão linda,
Te desse uma gloria infinda,
Que me dirias então ?
— Que não.

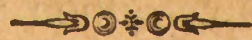
— Se rico, nobre e soldado,
C'roadado,
Fosse rei, e por tua mão,
Tão linda,
Desse a c'roa e terra infinda,
Que me dirias então ?
— Que não.

— Ai ! que esp'ranças, sendo eu pobre
Tão pobre,
Só rico d'alma !... se emfim,
Tão linda
Mão pedisse... inveja infinda,
Que me dirias a mim ?
— Que sim.

JOÃO DE LEMOS



A MÃE



Estava uma mãe muito afflicta, sentada a do berço do seu filho, com medo que lhe tresse.

A creancinha pallida tinha os olhos fechados. Respirava com difficuldade, e ás vezes tão profundamente, que parecia gemer, mas a mãe sentava ainda mais lastima do que o pequeno moribundo.

Nisto baterão á porta, e entrou um pobre homem muito velho, embuçado em uma manta de arrieiro.

Era no inverno.

La fora estava tudo coberto de neve e gelo, e o vento cortava como uma navalha.

O pobre homem tremia de frio; a creança abanocara por alguns instantes, e a mãe levantou-se a pôr ao lume uma caneca com cerveja.

O velho começou a embalar a creança, e a mãe, sentando em uma cadeira, sentou-se ao lado d'elle.

E contemplando o seu filhinho doente, que respirava cada vez com mais difficuldade, pegou-lhe ao molozinha descarnada e disse para o velho:

— Oh! Nosso Senhor não m'o ha de levar! não é verdade?

E o velho, que era a morte, meneou a cabeça de uma maneira estranha em ar de duvida.

A mãe coixou pender a fronte para o chão, e as lagrimas corrião-lhe em fio pela cara. Sentio-se amontada com um grande peso na cabeça; e antes de dormir havia tres dias e tres noites. Deitou ligeiramente pelo somno durante um momento e despertou sobresaltada a tremer de frio.

— Que é isto! exclamou, lançando á volta de si a olhar alucinado.

O larço estava vazio.

O velho tinha-se ido embora, roubando-lhe a creança.

A pobre mulher sahio precipitadamente, gritando pelo filho.

Encontrou uma mulher sentada no meio da casa, vestida de luto.

— A morte entrou-te em casa, disse-lhe ella. Vá a buscar a correr levando teu filho. Anda mais depressa que o vento, e o que ella furta nunca o vento a entregará.

— Por onde foi ella? gritou a mãe. Diz-m'o pelo amor de Deus?

— Foi a caminho por onde ella foi, respondeu a mulher vestida de preto. Mas só te ensino se me lembrares primeiro todas as canções que cantava a teu filho. São lindas, e tens uma voz angelical. Eu sou a noite e muitas vezes t'as visto chorar, debulhada em lagrimas.

— Cantar-t'as-hei todas, mas logo, disse a

mãe. Agora não me demores, porque quero encontrar o meu filho.

A noite ficou silenciosa.

A mãe então, desfeita em lagrimas, começou a cantar.

Cantou muitas canções, mas as lagrimas forão mais do que as palavras.

No fim disse-lhe a noite:

— Toma á direita, pela floresta escura dos pinheiros. Foi por ahi que a morte fugio com teu filho.

A mãe correu para a floresta; mas no meio dividia-se o caminho, e não sabia que direcção havia de seguir.

Diante della havia um matagal; cheio de silvas, sem folhas, de cujos ramos pendia neve crystalisada.

— Não viste a morte que levava o meu filho? perguntou-lhe a mãe.

— Vi, respondeu o matagal, mas não te ensino o caminho, senão com a condicção de me aqueceres em teu seio, porque estou gelado.

E a mãe estreitou o matagal contra o coração; os espinhos dilacerarão-lhe o peito d'onde corria sangue.

Mas o matagal vestio-se de folhas frescas e verdejantes e cobrio-se de flores em uma noite de inverno frigidissima, tal é o calor febricitante do seio de uma mãe angustiosa.

E o matagal ensinou-lhe o caminho que devia seguir.

Foi andando, andando, até que chegou á margem de um grande lago, onde não havia barcos, nem navios.

Não estava sufficientemente gelado para se andar por elle, e era demasiadamente fundo para passar a yao.

Comtudo, querendo encontrar o seu filho, era necessario atravessal-o.

No delirio de seu amor, atirou-se de bruços a ver se poderia beber toda a agoa do lago.

Era impossivel, mas lembra-se que Deus, por compaixão, faria talvez um milagre.

— Não! não és capaz de me esgotar, disse o lago. Socega, e entendamo-nos amigavelmente. Gosto de ver perolas no fundo das minhas agoas, e os teus olhos são de um brilho mais suave do que as pedras mais ricas que eu tenho possuido. Se queres, arranca-os das orbitas á força de chorar, e levar-te-hei á estufa grandiosa que está do outrolado: essa estufa é a habitação da Morte; e as flores e as arvores que estão la dentro, é ella

quem as cultivava; cada flor e cada arvore é a vida de uma creatura humana.

— Oh! o que não darei eu para reaver o meu filho! disse a mãe.

E apesar de ter já chorado tantas lagrimas, chorou com mais amargura do que nunca, e os seus olhos destacarão-se das orbitas e cahirão no fundo do lago, transformando-se em duas perolas, como ainda não teve no mundo uma rainha.

O lago então ergueu-se com um movimento de ondulação, depositou-a na outra margem, aonde havia um maravilhoso edificio com mais de uma legoa de comprido.

De longe não se sabia se era uma construcção artistica ou uma montanha com grutas e florestas.

Mas a pobre mãe não podia ver nada; tinha dado os seus olhos.

— Como hei de eu reconhecer a Morte que me roubou o meu filho! bradou ella desesperada.

— A morte ainda não chegou, respondeu-lhe uma velha, que andava de um lado para outro inspeccionando a estufa e cuidando das plantas. Como vieste tu aqui parar?

— Deus auxiliou-me, respondeu ella. Deus é misericordioso. Compadece-te de mim e diz-me onde está o meu filho.

— Eu não o conheço, e tu és cega, disse a velha. Ha aqui muitas plantas e muitas arvores que murcharão esta noite: a morte não tarda ahi para as tirar da estufa. Deves saber que toda a creatura humana tem neste sitio uma arvore ou uma flor que representão a sua vida e que morrem com ella. Parecem plantas como quaesquer outras, mas tocando-lhes, sente-se bater um coração. Guia-te por isso e talvez reconheças as pulsações do coração de teu filho. E que davas tu por eu te ensinar o que tens ainda de fazer?

— Já não tenho nada que te dar, disse a pobre mãe. Mas irei até o fim do mundo buscar o que quizeres

— Fora d'aqui não preciso de nada, respondeu a velha. Dá-me os teus cabellos negros; tu sabes que são bellos, e agrada-me. Trocal-os-hei pelos meus cabellos brancos.

— Não pedes mais nada do que isso? Ahi os tens, dou-t'os de boa vontade.

E arrancou os seus magnificos cabellos, que tinham sido outr'ora o seu orgulho de rapariga, recebendo em troca os cabellos curtos e inteiramente brancos da velha.

Esta levou-a pela mão á grande estufa, onde

crescia exuberantemente uma vegetação maravilhosa.

Vião-se debaixo de campanulas de crystal jacinthos mimosissimos ao lado de peonias inchadas e ordinarias.

Havia tambem plantas aquaticas, umas cheias de seiva, outras menos murchas e em cujas raizes se enovelavão cobras asquerosas

Mais longe erguião-se palmeiras soberbas, carvalhos e platanos frondosos; depois, em um outro sitio isolado, havia canteiros de salsa, tonilho, ortelã e outras plantas humildes que representavão o genero de utilidade das pessoas que elles symbolisavão.

Havia ainda grandes arbustos em vasos demasiadamente estreitos, que parecião rebentar; mas via-se tambem flores insignificantes em vasos de porcelana, na melhor terra, circumdadas de musgo, tratadas com esmero delicadissimo.

Tudo isso representava a vida dos homens que a essa hora existião no mundo desde a China até a Groelandia.

A velha queria mostrar-lhe todas estas cousas mysteriosas, mas a mãe impacientada pediu-lhe que a levasse ao sitio onde estavam as plantas pequeninas; tacteava-as, apalpava-as, para lhe sentir o bater do coração, e depois de ter tocado em milhares dellas, reconheceu as pulsações do coração do seu filho.

— E' elle! exclamou lançando mão a um açafrão, que, pendido sobre a terra, parecia completamente estiolado.

— Não lhes toques, disse a velha. Fica neste sitio; e quando a morte vier, que não tarda, prohibe-lhe que arranque esta planta: ameaça-a e arrancares todas as flores que estão aqui. A morte terá medo, porque tem de dar contas dellas a Deus. Nenhuma pode ser arrancada sem o seu consentimento.

N'isto sentio-se um vento glacial, e a mãe adivinhou que era a Morte que se aproximava.

— Como é que deste com o caminho? perguntou-lhe a morte. Chegar ainda primeiro do que eu! Como o conseguistes?

— Sou mãe! respondeu ella.

E a Morte estendeu a sua mão ganchosa para o pequenino açafrão.

Mas a mãe protegia-o violentamente com ambas as mãos, tendo o cuidado de não ferir um só das pequeninas petalas.

Então a Morte soprou-lhe nas mãos, fazendo-as cahir inanimadas.

O halito da Morte era mais frio do que os ventos enregelados do inverno.

— Não podes nada commigo! disse a Morte!

— Mas Deus tem mais força do que tu. respondeu a mãe.

— É verdade, mas eu não faço senão aquillo que elle manda. Sou o seu jardineiro. Todas estas plantas, arvores e arbustos, quando começam a marchar, transplanto-os para outros jardins. um dos quaes é o grande jardim do Paraizo. São regiões desconhecidas, ninguem sabe o que la se passa.

— Misericordia! misericordia! soluçou a mãe. Não me roubem o meu filho, agora que acabo de o encontrar.

Supplicava e gemia.

A morte conservava-se impassivel; a mãe agachou então instantaneamente em duas flores bellissimas e disse á Morte:

— Tu desprezas-me, mas olha, vou arrancar, desfolhar, não só esta, mas todas as flores que estão aqui!

— Não as arranques, não as mates, bradou a Morte. Dizes que és desgraçada e querias ir buscar o coração de outra mãe.

— Outra mãe! disse a pobre mulher largando as flores immediatamente.

— Toma, aqui tens os teus olhos, disse a Morte. Brillarão tão suavemente que os tirei do lago. Não sabia que erão teus. Mette-os nas pedras e olha para o fundo deste poço: vê o que vão destruir se arrancasses essas flores. Verás passar nos reflexos da agua, como em uma imagem, a sorte destinada a cada uma dessas flores, e a que teria tido teu filho se porventura tivesse.

Deixou-se no poço e viu passar imagens de felicidade e alegria, quadros risonhos e deliciosos, e logo depois scenas terriveis de miserias, de angustias e de desolação.

— Não que eu vejo, disse a mãe afflictissima, não dantes qual era a sorte que Deus destinava ao meu filho.

— Não posso dizer t'ó, respondeu a Morte. Não te repato-te, em tudo isto que te appareceu sempre que no mundo havia de succeder a teu filho.

A mãe desvalrada lançou-se de joelhos, exclamando:

— Supplico-te, dize-me: era a sorte infeliz a que elle estava reservada? Não é verdade! Oh! se eu soubesse, leva-o, leva-o, não va elle soffrer

desgraças tão terriveis. O meu querido filho! Quero-lhe mais que á minha vida; as angustias que sejam para mim. Leva-o para o reino dos céos. Esquece as minhas lagrimas, supplicas, esquece tudo o que fiz e tudo o que disse.

— Não te comprehendo, respondeu a Morte; queres que te entregue o teu filho ou que o leve para a região desconhecida de que não posso fallar-te?

Então a mãe hallucinada, convulsa, torcendo os braços, deitou-se de joelhos e exclamou:

— Não me ouças, Senhor, se reclamo no fundo do meu coração contra a tua vontade, que é sempre justa! Não me attendas, meu Deus!

E deixou cahir a cabeça sobre o peito, mergulhada na sua alegria dilacerante.

E a Morte arrancou o pequeno açafroeiro, e foi transplantal o no jardim do Paraizo.

GUERRA JUNQUEIRO.

Recordação d'uma tarde.

(VICTOR HUGO)

Uma tarde ella disse-me sorrindo:

„Amigo, porque fitas incessante
No occaso o dia, em sombras se esvaindo,
Ou o astro de ouro a erguer-se no levante?
Que procuras além, com os olhos longos,
Immersos na amplidão profunda e calma?
Ah! desprega-os da abobada longiqua!
Entranha-os em minha alma!

No vasto céu que vês, com olhos vagos,
Cheios de sonhos, na amplidão perdidos
Que aprenderás que valha meus affagos,
Meus sorrisos, meus beijos insofiridos?
Oh! de meu coração o véo levanta!
Mergulha, afoga a vista no meu seio,
Sonda, contempla o abysmo de minh'alma
Como é de estrellas cheio!

Que sões! Amor, dedicação, ternura,
A irradiar da vida na aspereza!
Nem sobre os montes candida fulgura
Mais bella Venus, brandamente acesa.
O vasto azul do céu é menos amplo,

Menos profunda a abobada sombria,
E esse espaço, que vês, menos celeste
Que o céu que em mim radia.

E' grato ver a luz que um astro espalha,
A aurora que serena apavonou-se;
Doce flor que de lagrimas se orvalha;
Mas o encanto de amar inda é mais doce.
E' o raio que vai de uma alma a outra
A verdadeira luz, a melhor chamma :
Tem mais prodigios o intimo universo
Nos seios de quem ama.

Mais vale o amor em florescida gruta
Que ignotos sóes na abobada brilhante ;
E Deus, que o coração do homem prescruta,
Poz-lhe ao perto a mulher e o céu distante :
E áquelle que no espaço o olhar embebé,
E áquelle que no azul a idéa aninha
Disse : „Vivei ! amai ! O amor é tudo;
O resto — a sombra minha.“

Amemos, pois ! Desprende os olhos vagos
Dos frios astros que no espaço morão :
Mais belleza, mais luz e mais affagos
Te ameigarão em olhos que te adorão.
Amar é ver, palpar a immensidade,
Sentir de Deus o espirito invisivel,
Comprehender o infinito: — á melhor alma
Pertence a mais sensivel.

Vem ! Não ouves, de arroubo transportado,
Branda harmonia em fremitos de flores ?
E' o universo em lyra transformado
Que canta nossos languidos amores,
Vem ! amemos ! Corramos sobre a relva
Repessada de tepidos perfumes;
Da immensa vastidão volve os teus olhos;
Abrasão-me os ciumes ! “

Assim ella dizia-me — ao de leve
Posto na mão de alvura crystallina
O lindo rosto de rosada neve,
Na posição de um anjo que se inclina;
Tinha a voz grave, austera e aquelle gesto
Que pelo encanto enleva me e extasia;
Bella e tranquillã. e de me ver ufana,
Assim ella dizia.

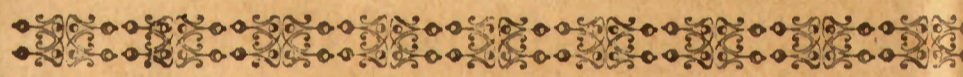
Suffocava-me o extase; batião
Os nossos corações; da tarde as rosas
As lucidas corollas entreabrião...
Que fizestes, ó arvores frandosas

Das nossas frases ? Penha, que fizestes ?
Destino escuro é este que nos guia !
Como um dia vulgar, pudeste, ó tempo,
Sumir aquelle dia !

Thesouro em sombra avara amontoado,
—Terna saudade!—do sonhar de outr'ora
Turvo horisonte ! — raio do passado !
Fagueira luz fugaz de extincta aurora !
Como do limiar de um templo, a alma,
Onde mal ousa penetrar, de fóra,
Em mar de scismas naufragada e louca,
Contempla-vos e chora.

Riscai da mente a idéa da ventura,
Quando ao tempo feliz succede o amargo :
Esgotada a esperança, a taça escura
Lançai ao mar do olvido, quedo e largo;
O olvido ! o esquecimento!—a onda surda
Que tudo sorve na soidão tranquillã !
Oceano sombrio onde a alegria,
Se atufa e se aniquilla !

THEOPHILO DIAS.



EXPEDIENTE



„REVISTA PARANAENSE“. — Recebemos es-
ta publicação scientifica e litteraria, que se publica
quinzenalmente em Corytiba.

Traz diversos artigos sobre philosophia, med-
icina, geographia, litteratura, etc., que revelão
adiantamento da pequena mas promettedora pro-
vincia do Paraná.

Agradecemos a remessa dos seus primeiros
numeros e permutamos com prazer.

* * *

Recebemos mais :

O *Conservador*, *Telephone*, *Labaro* e *Typogra-*
pho, da capital.

A *Descentralisação*, da Cruz-Alta.

A *Discussão* de Pelotas.

A *Gazeta de Campinas*.

O *Cachoeirano*, do Cachoeiro do Itapemerim

* * *

Toda a correspondencia da *Revista* deve ser
dirigida ao escriptorio do *Jornal do Commercio*